

JOSÉ SERGIO LEITE LOPES

A vitória do futebol que incorporou a *pelada*

A invenção
do jornalismo
esportivo
e a entrada
dos negros
no futebol
brasileiro



O estudo dos escritos (1) e da biografia de Mário Filho (1908-66), que praticamente inventou o jornalismo esportivo como gênero no Brasil no início dos anos 30 e contribuiu para a realização da passagem do futebol amador para o profissional na mesma época, aparece como um caminho privilegiado para se compreender as transformações pelas quais passou o futebol brasileiro, o enorme crescimento da popularidade desse esporte e seu papel político. Contrariamente ao senso comum hoje internacionalmente estabelecido segundo o qual a competência e o estilo brasileiros nesse esporte seriam como que “naturais”, a análise da trajetória desse jornalista pode ajudar a esclarecer o caráter de construção social que o futebol adquiriu em nosso país. Esta biografia pode assim ser um bom fio condutor para se compreender algo dos múltiplos processos sociais interligados que contribuíram para que o futebol no Brasil se tornasse progressivamente um universo social total que aproxima as classes sociais e também os universos profissionais (2). O livro que publicou sobre a história do futebol brasileiro - história cuja dinâmica seria dada pelo processo de emancipação social dos negros e das classes populares pelo esporte - deve ser compreendido a partir da ação que seu autor pôde exercer pessoalmente sobre o desenvolvimento desse esporte no âmbito da sociedade brasileira a partir da revolução de 1930 e até as décadas de 50 e 60. Dentre outros agentes (como os diretamente implicados no interior dos clubes e seleções estaduais e nacionais) e processos sociais inintencionais, Mário Filho contribuiu, por sua ação de jornalista, para a transformação do futebol, introduzido no Brasil por uma elite anglófila, num esporte “popular” e “nacional”. Mas essa transformação das regras as mais implícitas do futebol só foi possível trazendo-se para os campos e os estádios novas categorias de jogadores e de torcedores oriundos dos bairros mais pobres das cidades brasileiras



JOSÉ SERGIO LEITE LOPES é professor de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. É autor de *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar* (Ed. Paz e Terra) e *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés* (Ed. Marco Zero/UnB)

(um capítulo de seu livro - "O Campo e a Pelada" - opõe o futebol dos estádios ao das crianças, dos jovens e dos adultos que jogam na rua). A transformação do futebol de esporte de elite em esporte popular implicou na passagem para o profissionalismo e numa nova concepção desse esporte, dirigindo-se a jogadores que esperavam tudo do futebol, ou seja, não somente uma ascensão social mas também um reconhecimento coletivo enquanto "plenamente" brasileiros. Para além da possibilidade de carreiras que lhes permitiriam ao mesmo tempo obter um estatuto que os grandes clubes amadores não lhes garantiam, pois recrutavam seus jogadores na classe média e branca, e escapar também das relações de dependência implicadas pelo "falso amadorismo" das equipes financiadas por comerciantes ou por industriais dentro de uma lógica estreitamente "esportiva" (a busca do "resultado"), os jogadores das classes populares, em particular os negros e mestiços, eram ainda movidos pela necessidade da demonstração de sua competência e, por essa via, poderiam escapar do estigma que a sociedade brasileira lhes reservava, tornando-se estimados de um público que passava a considerá-los como ídolos esportivos. Desse ponto de vista, a ação de Mário Filho exerceu-se de maneira indissociável no campo do esporte, do jornalismo e da política.

A invenção ou a transformação de uma prática esportiva não depende unicamente da transformação das convenções definindo as regras explícitas do jogo (por exemplo, para o futebol, o tamanho dos gols, a duração da partida, o número de jogadores, a lista das "faltas" sancionadas, ou ainda a famosa regra do impedimento ou *off-side*) (3), ela tem implicações nas condições materiais e financeiras mas também "morais" de sucesso, conjunto de fatores que Mário Filho, um dos inventores desse novo jogo social, soube aperfeiçoar reinventando ao mesmo tempo sua própria profissão. Esta ação desenvolve-se paralelamente ao grande fluxo de migrantes internos ao país parcialmente incorporados à indústria, à burocracia e ao comércio em expansão, assim como às tentativas de integração dessa nova população urbana no sindicalismo promovido pelo Estado e pela "extensão regulada da cidadania" (4). A ação de Mário Filho para introduzir o profissionalismo no Brasil

aparece efetivamente como um "compromisso realista", permitindo que se ultrapasse a oposição entre o amadorismo, herdado da concepção aristocrática de uma prática esportiva oriunda da classe dos lazes, vinda da Inglaterra e reservada a uma elite, e o esporte "paternalista", representado pelas equipes de empresas. Lutando para abrir a prática do futebol para as classes populares e ampliar assim seu público, acompanhada de uma reapropriação da ética esportiva, sua atividade é sobretudo "interclassista": contrariamente ao que sucedeu na Inglaterra, o futebol torna-se no Brasil uma atividade esportiva que contribui para a mistura das classes.

1. A DESCOBERTA E A VALORIZAÇÃO DE UM GÊNERO MENOR DO JORNALISMO

Mário (Rodrigues) Filho, nascido em 1908, é o terceiro de uma série de 13 filhos de uma família originária de Pernambuco. Seu pai, Mário Rodrigues, que se torna proprietário do jornal *A Manhã* no Rio de Janeiro em 1925 (5), tinha se tornado conhecido por uma concepção do jornalismo político que misturava a invenção de estilos jornalísticos com ataques pessoais a homens públicos. Seus jornais caracterizavam-se pela arte de criar eventos, pela ênfase com que tomava os políticos como alvo (e o primeiro a ser assim usado foi seu ex-patrão do *Correio da Manhã*), pela importância dada aos fatos criminais e pelo desenvolvimento da página de polícia. Para instaurar esse estilo "ousado", contava com jovens jornalistas competentes, jovens escritores-jornalistas (alguns dos quais pertencentes ao movimento modernista de 1922) e humoristas, desenhistas e caricaturistas inovadores. Ele utilizava também o trabalho familiar de seus filhos mais velhos, para os quais o trabalho precoce e o aprendizado artesanal do jornalismo substituíram a escola (6). Mário Filho acumulava suas funções de gerente com a redação de crônicas literárias, passando depois a interessar-se pela página esportiva, recusando a vaga de repórter parlamentar que seu pai, tendo exercido-a no início de sua carreira, destinava para o filho que considerava o mais talentoso para substituí-lo. No novo jornal de seu pai (7), Mário Filho cuida principalmente da página de esportes, talvez por

Este artigo contou com a colaboração em suas primeiras elaborações, de Jean Pierre Faguer, com o qual estou em vias de publicar uma versão mais resumida do conteúdo deste texto, sob o título de "L'Invention du Style Brésilien: Sport, Journalisme et Politique" (*Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 102). Agradeço os comentários, sobre este texto e esboços anteriores, de Rosilene Alvim e Afrânio Garcia Jr.

vislumbrar na página menos valorizada dos jornais um espaço de maior autonomia dentro de uma empresa familiar onde teve responsabilidades precoces. Ele mantém assim uma certa distância dentro dessa divisão do trabalho familiar, da virulência dos ataques aos inimigos políticos do jornal (8) ou das páginas policiais.

A agressividade política de Mário Rodrigues colocou-o eventualmente na oposição política local ou nacional, e ele sofreu suas conseqüências com um período de prisão (quando era ainda editorialista do *Correio da Manhã*), com processos judiciais e ameaças de violência física. Entretanto, em 1929 ele apoiava o presidente da república e suas articulações para fazer um sucessor nas eleições de 1930 (em contrapartida, *A Crítica* era privilegiada com subvenções federais). Dentro do jornal, desencadeia-se então uma luta pelo poder entre os editores de política e os das páginas policiais. O editor da última página propõe argumentos para reivindicar espaço na primeira: as notícias de crimes aumentavam a venda do jornal, as crônicas policiais e suas ilustrações tornavam-no ainda mais famoso, e finalmente a posição política do jornal, por demais marcada para o lado da situação, era inoportuna diante da subida da oposição. Melhor ficar mais neutro politicamente e abrir espaço na primeira página para matérias de polícia. Paradoxalmente, os próprios trunfos dos dois lados dessa querela promovem o naufrágio do jornal e mergulham a família Rodrigues numa tragédia no espaço de menos de um ano.

Em 26 de dezembro de 1929, *A Crítica* publica na primeira página um *fait-divers* investigado pela equipe da última página, noticiando o início do processo de separação de um casal da alta sociedade do Rio, ele médico conhecido, ela jovem senhora de 27 anos, colaboradora das páginas literárias dos jornais da rede de imprensa dominante no Brasil na época, a de Assis Chateaubriand, *Os Diários Associados*. O vazão de notícias políticas próprio ao período das férias de Natal fez com que Mário Rodrigues cedesse à reivindicação da equipe da página criminal concedendo-lhe nesse dia a escolha da primeira página: esta é ocupada pela exploração dos motivos dessa separação amigável, a descoberta pelo marido de um caso extraconjugal já terminado de sua esposa

com um outro médico. No dia seguinte à publicação, a jovem senhora ultrajada, Silvia Seraphim, chega à redação do jornal e pede para falar com seu diretor. Como este não se encontra, ela é levada até a sala da direção onde está Roberto Rodrigues, desenhista do jornal e em particular das páginas de polícia; ela pede para falar com ele em particular, abre sua bolsa e atira com um revólver calibre 22, atingindo mortalmente o segundo filho de Mário Rodrigues. O jornal, que se tornou assim à sua revelia acontecimento e notícia, alimenta-se também de uma campanha pela condenação da bela assassina, mas, menos de três meses depois do ocorrido, Mário Rodrigues, que mesmo subitamente envelhecido e hipertenso tenta manter seu ritmo de trabalho frenético, morre de uma hemorragia cerebral em março de 1930 aos 44 anos.

A revolução de outubro de 1930, através da qual a oposição perdedora nas eleições de março sanciona pelas armas suas reclamações de fraude eleitoral, acaba fechando definitivamente o jornal dos Rodrigues, dirigido pelos mais jovens diretores proprietários da imprensa do Rio, Milton e Mário. *A Crítica* pertencia à minoria dos jornais do Rio que continuou durante todo aquele ano a apoiar Júlio Prestes, candidato da situação eleito em março e empossado em 15 de novembro, e a criticar o candidato da oposição Getúlio Vargas e seus aliados. Em 24 de outubro, o presidente Washington Luís é coagido a demitir-se em favor do movimento insurgente que dura há vinte dias, e multidões de partidários da revolução saqueiam os locais dos jornais pertencentes ao antigo poder. Milton e Mário Filho são presos durante algumas horas e em seguida soltos. Uma semana depois os jornais saqueados negociam com o governo provisório suas reparações contra a aceitação do novo regime, à exceção de *A Crítica*, desmoralizada pelo caso Silvia Seraphim e a morte de Roberto e Mário Rodrigues (9).

A preocupação imediata dos mais velhos dos Rodrigues era a sustentação de sua mãe e dos numerosos filhos deixados pelo pai (10). As dificuldades e a derrocada material e social da família só começam a diminuir por volta do ano de 1931, quando Mário Filho é convidado a trabalhar no jornal *O Globo*, recentemente assumido por Roberto Marinho (11), para dirigir a página

esportiva. Mário Filho afirma-se dali para frente como o principal sustento de toda a família, tomando nesse sentido a posição do pai (12). O convite se fez porque o trabalho realizado por Mário Filho na página dos esportes de *A Manhã* em 1927 e em seguida na de *A Crítica* em 1928 e 1929 já havia revolucionado a crônica esportiva. Desde 1910, o *Jornal do Brasil* do Rio podia eventualmente dedicar uma página a um grande jogo de futebol, mas somente depois da realização da partida e quando o público já sabia o resultado e já havia feito seus comentários. Em geral, o futebol só ocupava uma ou duas colunas de página, a preferência indo para as regatas. Esse estado das coisas caracterizava as páginas esportivas dos jornais em 1927; os repórteres esportivos ocupavam a posição mais baixa da hierarquia dos jornalistas, os que cobriam o futebol escorando seus pobres salários com as refeições que os clubes lhes ofereciam nos dias de treino. Mário Filho mudou esse estado das coisas antecipando a produção de notícias desde os treinos ou os momentos que precedem os jogos, fabricando eventos, entrevistando os jogadores ou contando suas biografias (cf. Ruy Castro, op. cit., p. 114). Filho do patrão, Mário Filho podia investir e valorizar a página esportiva tendo todos os recursos gráficos e fotográficos à sua disposição. O diagramador do jornal acabou com as tradicionais fotos dos jogadores de gravata e paletó, como se posassem para a carteira de identidade, substituindo-as por fotos de suas ações em campo, com a camisa e o boné dos clubes, geralmente em *closets* ampliados. As matérias assim ilustradas, acompanhadas com textos de eventos interessantes e grandes manchetes, faziam com que o futebol, mesmo se ainda amador, também vendesse jornal. À medida que os atletas do futebol ganhavam o espaço que pertencia preferencialmente aos atletas de outros esportes no jornal, a página esportiva sustentava da mesma forma uma concorrência interna com a página de polícia ou as páginas da política para a venda de *A Crítica*. A linguagem da crônica esportiva também mudou com Mário Filho: em vez da apelação por demais respeitosa, corrente na imprensa, do nome dos clubes - por exemplo "Fluminense Football (13) Club", "O Clube de Regatas Flamengo", ou ainda "The Bangu Athletic Club" - ele começa a chamá-

los simplesmente Fluminense, Flamengo e Bangu, como os torcedores nos estádios e nas ruas. Ao invés dos inúmeros termos ingleses que alimentam o esnobismo inconsciente dos jornalistas, os termos da linguagem corrente, o ponto de vista de um público mais vasto: por exemplo substituir campo a *field* ou *ground* nas frases designando os estádios ou campos de futebol dos clubes, substituir jogo a *meeting*, etc.

Mário Filho pôde pressentir e antecipar as tendências do futebol brasileiro por sua posição privilegiada numa imprensa esportiva que ele tinha todo interesse em desenvolver, mas também pelo fato de ter sido contemporâneo da crise do amadorismo nesse esporte quando ele começava nas páginas esportivas dos jornais de seu pai. Em *O Globo*, a partir de 1931, ele pôde acompanhar a transição para o futebol profissional que revelava, para um observador sensível e privilegiado, os dramas sociais do futebol. O que acontecia no futebol brasileiro entre as décadas de 20 e 30?

2. "O CAMPO E A PELADA": A CRISE DO FUTEBOL AMADOR DE ELITE

Quando Mário Filho começa a trabalhar na imprensa esportiva, o futebol do Rio vive uma crise do amadorismo iniciada com a entrada na primeira divisão do time do Vasco da Gama, clube da numerosa colônia portuguesa da cidade. Esse clube ganha o campeonato de 1923, seu primeiro ano na primeira divisão, com um time composto por jogadores recrutados nos subúrbios do Rio, muitos dos quais eram negros e mestiços. A liga local dos clubes de futebol amador, dirigida pelos grandes clubes bem -estabelecidos, desencadeia em seguida uma investigação sobre os clubes associados para descobrir a origem das remunerações dos jogadores e ver se são efetivamente amadores. O time do Vasco afasta-se de fato da normalidade dos grandes clubes, compostos por jogadores brancos das classes média e burguesa do Rio. Já havia alguns times com composição análoga à do Vasco, mas eram clubes "pequenos" de subúrbio, com menos recursos, geralmente enquadrados por empresas (em particular fábricas têxteis), sem condições de ameaçar os grandes clubes. Entre esses "pequenos" clubes, o mais famoso é manti-

do pela Companhia Progresso Industrial do Brasil, cuja fábrica têxtil e a vila operária encontram-se no bairro periférico de Bangu, fundado no início do século pelos chefes de seção e técnicos ingleses dessa fábrica de capitais brasileiros e portugueses, The Bangu Athletic Club. Os chefes e mestres ingleses tiveram logo que incorporar os empregados e operários no time e o Bangu tornou-se o primeiro clube a permitir o acesso dos operários a esse esporte, tornando-se alguns anos depois uma “escola” de futebol para jogadores de origem popular que se transferiam para outros grandes clubes quando do enfraquecimento do amadorismo (14). Mas o Bangu ainda não tinha até então ganho nenhum campeonato, não ameaçando a hegemonia dos grandes. Os operários-jogadores, mesmo tendo mais facilidades no trabalho do que os outros operários, não dispunham de tempo livre para o treino como os estudantes ou jovens burgueses dos grandes clubes.

Tal não era o caso do Vasco, tendo o apoio dos ricos comerciantes portugueses que financiavam o clube e “empregavam” os jogadores nos seus armazéns, lojas e fábricas, liberando-os para os treinos do time num regime de internato. Esse regime fez sucesso em 1923. Os outros grandes clubes queriam impedir sua continuidade: se suas investigações sobre a qualidade do amadorismo dos jogadores do Vasco falharam diante dos álibis dos patrões portugueses, conseguiram finalmente impedir esse clube de continuar na liga metropolitana sob a alegação de que ele não tinha um estádio próprio. Em dois anos, a colônia portuguesa se mobiliza e financia a construção de um estádio para 50.000 espectadores, o de São Januário, o maior do Rio na época, inaugurado em 1926 (15). E também em 1926, o pequeno clube do São Cristóvão, com um time só de pretos e mestiços, ganha o campeonato; o futebol dos grandes clubes estava ainda mais ameaçado. Qual era esse futebol dos grandes clubes do passado?

O caráter inicial da introdução do futebol no Brasil é o de um “produto de importação” materializado seja por intermédio das empresas inglesas instaladas no país (com seus engenheiros, seus técnicos que trazem não somente sua tecnologia mas também seu estilo de vida, seus lazeres, assim como a moral do esporte) (16), seja pela mediação

indireta dos ingleses exercida através das viagens da alta burguesia brasileira à Europa, dos estudos de seus filhos em colégios europeus onde se joga futebol. Os “grandes” clubes existentes na década de 20 surgiram, bem no início do século, como lugar de encontro dessas duas tendências.

Assim, a historiografia usual do futebol data sua introdução oficial no Brasil com o retorno a São Paulo em 1894 de Charles Miller, filho de pai inglês e mãe brasileira, vindo de um período de estudos em Southampton, Inglaterra (17). No Rio, a volta em 1901 de Oscar Cox de uma estadia análoga em Lausanne acelerou o movimento pela fundação, no ano seguinte, do Fluminense Football Club, o mais antigo clube de futebol ainda hoje em atividade. Os fundadores desse clube eram jovens chefes de empresa, empregados de alto nível, ou simplesmente filhos de pai rico. Outros clubes surgem no lastro do Fluminense: o Botafogo, fundado por atletas jovens, estudantes universitários e de ginásio, o América e o Flamengo, este último uma dissidência do Fluminense que se organiza como time em 1912 (18).

A linguagem do futebol era muito inglesa: todas as posições dos jogadores eram ainda ditas em inglês, e até os gritos dos capitães do time em campo - “*come back forwards*”, “*man on you*”, “*take your man*” (19). O público presente nas tribunas era socialmente próximo dos jogadores; os rapazes de terno e gravata, as moças com chapéus e flores. Os jogadores eram sócios dos clubes e freqüentavam suas festas e bailes. Os filhos jogavam, as filhas e os pais ficavam na tribuna: os “grandes” clubes de futebol - o Botafogo campeão de 1910, o Flamengo bicampeão de 1914 e 1915, o América campeão de 1916, o Fluminense tricampeão de 1917, 1918 e 1919 - eram uma segunda casa para essas boas famílias. Uma diferença social fazia-se sentir nos encontros entre “grandes” e “pequenos” clubes, mas era visto como normal o confronto entre clubes provenientes das diferentes fontes “inglesas” de introdução do futebol, de um lado a fonte de elite, ligada ao futebol praticado na escola ou no clube das boas famílias, de outro lado a fonte em que as classes populares são incluídas de forma controlada pelo viés do futebol paternalista de empresa. Era entretanto malvista a inclusão de jogadores de

classes populares - e no Brasil a cor da pele é um indicador de classe - nos "grandes" clubes de "boa família". É o caso do jogador Carlos Alberto, mestiço, filho de um fotógrafo de formaturas escolares, que jogava no segundo time do América no final dos anos 10, onde era amigo dos estudantes que jogavam nesse time. Enquanto jogava nessa equipe, ninguém havia notado que ele era mulato. Mas fizeram-lhe a proposta de ir para o primeiro time do Fluminense, o clube de maior fama aristocrática. No Fluminense, Carlos Alberto ficou preocupado com sua aparência: antes de entrar em campo e cumprimentar o belo público das tribunas, esse momento de maior exposição para alguém que como ele interiorizou o seu mal-estar social, ele passa então a se maquiagem com pó-de-arroz para se embranquear. Num jogo contra seu antigo clube, ele entra em campo e os torcedores do América, ao perceberem-no dos lugares mais baratos do estádio, começam a gritar: "Pó-de-arroz!", "Pó-de-arroz!" (20). Alguns anos depois, são os dirigentes do América que, querendo reforçar seu time, passam a observar o futebol dos bairros dos arredores do cais do porto e trazem para o clube um jogador de sucesso local, um marinheiro jogando pela ponta-direita apelidado de Manteiga (por causa dos seus passes, dados como se tivessem manteiga). Fizeram-lhe a proposta de deixar a Marinha e de se tornar empregado do estabelecimento comercial de um dos diretores do clube. Mas Manteiga era preto: quando ele se prepara para entrar em campo para seu primeiro jogo, outros jogadores do América deixam o vestiário, por preconceito. Em seguida, nove jogadores do primeiro e do segundo time do clube pedem demissão em protesto contra a inclusão desse novo jogador. (Esses dissidentes serão integrados ao Fluminense.) Os dirigentes mantêm Manteiga apesar da crise, mas ele se sente pouco à vontade, esse distúrbio manifestando-se com mais força nos espaços mundanos do clube do que no campo. Numa excursão do América a Salvador (cidade onde a densidade da população negra é a mais forte, e cidade natal do jogador), Manteiga fica por lá, abandonando o time... (21).

Compreende-se assim a reação suscitada pelos grandes clubes quando da entrada com sucesso do time composto por brancos pobres, mestiços e pretos do Vasco da Gama

em 1923. Afastado da liga dos clubes em 1924 e 1925, o Fluminense e o Flamengo ganham respectivamente os campeonatos desses anos e a ordem parece se restabelecer (22): mesmo se o "pequeno" São Cristóvão ganha em 1926 e o Vasco, já de volta à liga, ganha em 1929, os títulos de 1927, 1928, 1930, 1931 e 1932 vão para os clubes tradicionais.

Mas a divulgação do futebol para sua prática entre as classes populares no final da década de 20 já é suficiente para que alguns jogadores negros e mulatos cheguem aos clubes de primeira divisão e para que estes sejam mais (como no caso do Vasco) ou menos tentados a utilizar os que são apreciados como sendo os melhores, como arma menos legítima na competição crescente entre os clubes. Além disso, a presença dos jogadores negros torna-se mais visível através das competições internacionais e em seguida pelo início da concorrência entre clubes para o recrutamento de jogadores fora das fronteiras nacionais. A primeira Copa do Mundo, a de 1930 no Uruguai, põe em movimento uma rede internacional de futebol que não vai mais parar de crescer ao longo do tempo (23). Do time do Brasil, a crônica esportiva internacional vai elogiar Fausto, chamado de "a maravilha negra" do futebol, meio-de-campo negro extremamente técnico, formado pelo clube-vila operária de Bangu, recrutado pelo time do Vasco campeão de 1929. De volta da copa, o "falso amadorismo" praticado pelos dirigentes do Vasco só faz aumentar o mal-estar desse jogador sério e aplicado, elegante mas duro em campo, que dependia de seu futebol para viver e manifestava seu mau humor e sua revolta face a uma situação que ele sentia como um jugo sem ter as palavras e os argumentos de um profissionalismo que ainda não tinha nascido (24). Durante uma excursão que o time do Vasco fez em 1931 em Portugal e na Espanha, Fausto decide abandonar seu time e ficar na Espanha, tendo recebido uma oferta de 30 mil pesetas do Barcelona (25).

O mal-estar de muitos jogadores que se consideravam "escravos" dos entraves do amadorismo encontrou uma saída no início da década de 30 na demanda de jogadores sul-americanos por parte dos clubes europeus, em particular os italianos. Logo após a primeira Copa do Mundo ganha pelo Uruguai, e tendo em vista a organização da se-

gunda copa na Itália, Mussolini passa a estimular o futebol italiano com a promessa de construir um estádio para o clube campeão nacional. A emulação entre os clubes acabou desencadeando uma corrida aos jogadores considerados bons da América do Sul, o que significa, no contexto da Itália de Mussolini, os bons jogadores de ascendência italiana na Argentina, Uruguai e Brasil, especialmente em São Paulo. O futebol mais ameaçado por esse recrutamento é o argentino: a solução encontrada pelos clubes de Buenos Aires foi a adoção do profissionalismo, seguidos pelos de Montevideu (26). O profissionalismo aproxima-se de São Paulo e do Rio. Nessas duas cidades, há casos em que jogadores brancos, que não são *oriundi*, adotam um nome italiano, falsificando seus documentos com o acordo dos clubes italianos. Há uma exportação de jogadores brancos para a Europa enquanto que os pretos, tendo que “conviver” com as atitudes racistas mais ou menos explícitas desses países, resistem em mudar de nacionalidade quando solicitados, e tornam-se assim pouco exportáveis (27). (Encontramos aqui na escala do Brasil como que uma reprodução do mundo fechado que seus ancestrais ou seus contemporâneos puderam conhecer ou ainda experimentam nas grandes propriedades agrícolas ou nas vilas operárias de grandes fábricas) (28). Dois outros jogadores negros tornam-se famosos na crônica esportiva internacional e no Brasil depois de uma outra competição internacional, a da Copa Rio Branco disputada em 1932 entre Brasil e Uruguai: Domingos da Guia e Leônidas da Silva, um zagueiro e um centroavante que contribuíram para a vitória brasileira em Montevideu por dois gols a um (dois gols de Leônidas) contra os campeões do mundo de dois anos atrás (29).

3. A LUTA PELO PROFISSIONALISMO E A INVENÇÃO DE UM PÚBLICO DE MASSA

Em 1932, Mário Filho saúda na sua coluna do jornal *O Globo* a vitória da seleção nacional, pela primeira vez cheia de jogadores pretos e mestiços, sobre os campeões do mundo. Destinado a se tornar o herdeiro de um jornal político, destronado de um dia para o outro por uma mudança brusca da

correlação de forças políticas, Mário Filho investe todo seu esforço no jornalismo esportivo que permanece uma porta aberta para a sua sobrevivência social e a de sua família. O vício vira rapidamente virtude: desde seu trabalho nos jornais de seu pai, a página esportiva tornava-se progressivamente sua opção e seu lugar preferidos; ancorado agora nessa página por contingências políticas, ela lhe dava uma notoriedade que contribuía para o aumento das vendas de *O Globo*. Seu patrão logo triplica seu salário e consente que divida seu tempo com a tentativa de fundar um jornal esportivo com dinheiro emprestado. Essa primeira experiência de direção de um cotidiano especializado no esporte dura apenas oito meses, mas essas vicissitudes ilustram os laços crescentes entre o esporte e a música popular, reforço mútuo que contribui para a popularização do futebol. *O Mundo Esportivo* sucumbiu a um erro de planejamento: saiu no final do ano de 1931, ou seja, no final do campeonato de futebol do Rio, e ainda por cima tendo sido o América o campeão, clube com poucos torcedores. A equipe desse novo jornal encontra-se dali a pouco em plena temporada morta do futebol. Foi quando um repórter boêmio, que conhecia bem o mundo nesse tempo bastante obscuro do samba das favelas, sugeriu a Mário Filho a instituição de um júri patrocinado pelo *O Mundo Esportivo* para escolher a melhor escola de samba dentre as que se aventuravam pelo centro da cidade no domingo de carnaval. Essa idéia de promover as escolas de samba segundo o modelo dos concursos esportivos foi um sucesso e alguns anos depois a prefeitura passa a assumir oficialmente sua realização, mas desde o ano seguinte não é mais *O Mundo Esportivo* que faz a cobertura jornalística mas *O Globo*, onde a equipe de Mário Filho continua trabalhando: seu primeiro jornal esportivo não conseguiu se estabelecer (30). Só mesmo a transformação do público correlativa à implantação do futebol profissional permitiria a manutenção desse jornal esportivo. E antes de começar uma segunda experiência de cotidiano especializado, o próprio Mário Filho contribui para a formação desse público de massa desde sua coluna ou sua página esportiva.

A crise do amadorismo corroído pela exportação dos jogadores brancos para a

Itália, pela implantação do futebol profissional na Argentina e no Uruguai, e pelo mal-estar dos jogadores que viviam de fato desse esporte, encontra seu ponto culminante numa entrevista que Mário Filho publica com o atacante Russinho, do Vasco, que acabava de ganhar um carro de presente dos dirigentes e torcedores desse clube. O Vasco, além das condições materiais do internato, dava dinheiro a seus jogadores depois dos jogos para “refeição e transporte”: o jornalista percebia que o carro compensava de maneira antecipada a insuficiência dessa ajuda a um centroavante famoso. O jogador entrevistado, um jogador branco mas de origem popular, explica que para refeição e transporte esse dinheiro é muito, mas como salário não é suficiente, e o texto da entrevista termina com essa pergunta: “Afinal, somos profissionais ou amadores?” (cf. Ruy Castro, op. cit., p. 131). Mário Filho estará presente nas articulações que se abrem entre dirigentes dos clubes em consequência da repercussão do artigo. Seu papel será importante na medida em que seu interesse pelo fenômeno que representa o futebol é global, independente dos interesses imediatos dos clubes, e sua prática da profissão de jornalista facilita-lhe a construção de uma posição de “árbitro” (31). A decisão em 1933 de três dos grandes clubes do Rio de implantar o profissionalismo provoca uma cisão, os campeões dos anos recentes (Botafogo em 1930 e 1932, América em 1931) pregando a conservação do amadorismo e organizando uma liga à parte (em São Paulo uma divisão semelhante é criada de maneira homóloga). Foi no contexto da concorrência entre dois campeonatos diferenciados, um do bloco de times profissionais, o outro do bloco dos amadores, enfraquecendo momentaneamente os dois blocos e o conjunto do futebol, que Mário Filho pôde contribuir para transformar de maneira decisiva o público dos estádios em favor do novo profissionalismo.

Como jornalista de *O Globo*, Mário Filho frequenta assiduamente não somente as competições, os treinos e as sedes dos clubes, mas também a vida social dos bares que certos clubes utilizam como ponto de encontro entre seus dirigentes, jogadores e torcedores, espaços muito mais interclassistas que as sedes. Progressivamente ele adota um bar próximo ao jornal para fazer entrevistas com

diferentes agentes do mundo do futebol, e ele pede a seu jornal uma pequena subvenção para pagar o café dos entrevistados, o que aumenta seu acesso aos jogadores e torcedores (entre os quais, músicos do samba) com problemas de dinheiro (cf. Ruy Castro, op. cit., pp. 131-2). Desde 1932 (um ano antes da decisão pelo profissionalismo), “seu” bar torna-se também um ponto de encontro muito freqüentado por essa população, um bar “neutro” em relação aos clubes. É a partir desse lugar “neutro” que Mário Filho organiza com seus aliados do profissionalismo a cobertura jornalística do novo campeonato que começava enfraquecido pela dissidência amadorística: os clubes, em menor quantidade, deveriam se encontrar várias vezes durante o ano, o que poderia causar a defecção do público. Ele começa a fazer várias campanhas desde sua página de jornal (que às vezes atingia a primeira página) para atrair o público para os jogos. Assim, instituiu o campeonato dos torcedores de clubes enquanto coletividade e também prêmios aos pequenos grupos de torcedores mais criativos, mais originais ou mais organizados (32). Ele revalorizou os jogos entre os principais times a partir da história dos clubes e de seus encontros no passado, criando assim os “clássicos” (como são conhecidos até hoje), apropriando-se de seu passado de amadores no sentido de dar uma idéia de continuidade mesmo que transformada pelo profissionalismo (33). O confronto entre Fluminense e Flamengo transformou-se em Fla-Flu (34), e seu passado de rivalidades controladas (a origem do Flamengo sendo uma dissidência do Fluminense dos anos 10) dá origem a crônicas criando uma epopéia a partir desses encontros. Essa rivalidade vai aumentar durante os anos 30, depois da implantação do profissionalismo, quando o Flamengo vai praticar uma política de contratação dos grandes jogadores pretos e vai ser adotado por um público das classes populares: “o pó-de-arroz” do Flu, matéria das crônicas de Mário Filho sobre o passado (cf. nota 20), vai ser retomado e vai se opor ao novo “pó-de-carvão” que os torcedores desse clube visto como aristocrático devolvem aos torcedores do Fla. Essa popularização do Flamengo vai aumentar também a rivalidade com o Vasco, clube português, o primeiro grande time a incorporar jogadores pretos, dividindo os

símbolos em disputa entre torcedores das classes populares. As primeiras bandeiras começam a aparecer, assim como os torcedores com as cores do clube, os morteiros, os fogos, os balões de São João, as "charangas" e as baterias: os "clássicos" do domingo se carnalizam.

A competição entre os clubes aumenta com o profissionalismo e o princípio da caça aos melhores jogadores, qualquer que seja sua origem social ou racial, torna-se progressivamente generalizada entre os clubes (35). O primeiro campeonato sob o regime profissional é vencido de forma significativa pelo time do clube-vila operária Bangu, em 1933, como se seu time de maioria negra e mestiça se sentisse mais à vontade no novo ambiente do futebol, tendo podido recrutar o antigo treinador do Fluminense e liberar seus antigos operários-jogadores das tarefas na fábrica que o amadorismo lhes impunha para colocá-los sob internato. Mas são principalmente o Vasco e o Flamengo que se entregam à corrida pela contratação dos jogadores negros, em particular os famosos Fausto, Domingos e Leônidas. Os três foram reunidos no Flamengo do final da década de 30.

Esses três grandes jogadores negros, um que se torna famoso na primeira Copa do Mundo, os dois outros o sendo entre 1932 e a copa de 1938, passam para o Flamengo a sua fama, confirmando ao mesmo tempo a mudança desse clube, que se considera agora "o mais querido", sobretudo pelas classes populares, mais numerosas (36). A copa de 1938 (37) e as transmissões pelo rádio fazem aumentar a popularização do futebol (38).

4. DIFERENTES TRAJETÓRIAS DOS GRANDES JOGADORES NEGROS NA TRANSIÇÃO PARA O PROFISSIONALISMO: RUMO A UM "ESTILO BRASILEIRO" DE FUTEBOL

A volta ao Brasil da seleção nacional, eliminada nas semifinais pelos italianos futuros campeões, provocou uma recepção calorosa nas ruas do Rio e de São Paulo: os dois heróis das multidões são os negros Domingos e Leônidas, principalmente este último. Eles repetem o sucesso inicial de 1932 numa escala ainda maior. Se compararmos esses dois jogadores entre si e também com Fausto, poderemos ter uma idéia das consequências nas trajetórias individuais da pas-



Arquivo José Sérgio Leite Lopes

sagem do amadorismo para o profissionalismo - que implicou numa transformação das questões do futebol, em particular dos critérios de sucesso esportivo e acesso à notoriedade pelo esporte. Eles podem ser vistos como produtos exemplares da transição entre dois estados diferentes da história do futebol brasileiro, mesmo sendo os três companheiros do mesmo time no final dos anos 30 (39).

Fausto, nascido no Maranhão em 1905, começa a jogar como centromédio em 1926 no time do Bangu, já com as qualidades que ele vai desenvolver em seguida: visão do jogo, controle de bola, elegância e sobretudo muita disposição, do início ao fim dos jogos (40). Em 1927, é recrutado para o time do Vasco que será o vencedor do campeonato de 1929. Em 1930, é destacado pela imprensa internacional como um dos melhores jogadores da copa de Montevideu. Sua notoriedade está em contradição com seu desejo de ganhar a vida através do futebol dentro das condições do amadorismo, o que se traduz no seu estilo duro e aplicado em campo e hostil em relação ao dirigentes e à imprensa. Em 1931 fica na Espanha e transfere-se depois para a Suíça, mas sua experiência com

o profissionalismo no estrangeiro termina com rupturas de contratos. Com o advento do profissionalismo no Brasil em 1933, ele volta para o Vasco mas não consegue um bom contrato. Transfere-se para o Flamengo alguns anos depois, mas seu vigor físico já diminuiu, e ele resiste aos imperativos da nova tática dita WM, imposta por um treinador húngaro contratado em 1937, que sacrificava as funções e a arte de sua posição de *center-half*. Na época da convocação dos jogadores para a seleção nacional para a copa de 1938, Fausto está tuberculoso e morre um ano depois (41). Ele encarna o operário-jogador sob o amadorismo, querendo ganhar sua vida como profissional de acordo com sua notoriedade, mas sua revolta se manifesta muito à frente da implantação efetiva do novo regime.

Domingos e Leônidas nasceram respectivamente sete e oito anos depois no Rio e foram mais felizes. Domingos nasceu em Bangu e é um produto do talento que pode se constituir no contexto desse clube-vila operária. Depois de um período como operário-jogador, o clube consegue para ele um pequeno emprego na saúde pública de subúrbio (como “mata-mosquito”), e mesmo depois de ganhar notoriedade na Copa Rio Branco de 1932, quando o Brasil ganha do Uruguai, ele recusa as ofertas de outros clubes em nome desse seu emprego: ele tem o realismo do futuro objetivo possível para um jogador de clube de empresa sob o amadorismo. O América lhe oferece um emprego de operário mais bem pago numa serraria, que é onde ele está trabalhando por pouco tempo quando o Vasco o contrata com as vantagens do seu internato e de seus pagamentos disfarçados. Em 1933 ele aceita um contrato de profissional no Nacional de Montevideu onde seu futebol é bem aceito, joga também em Buenos Aires e volta em 1936 cheio de economias para o Vasco, depois para o Flamengo em 1937. Fica nesse clube durante sete anos, transferindo sua notoriedade para o Flamengo e contribuindo para que esse clube se torne um dos mais populares. Entre 1944 e 1947, joga no Corinthians de São Paulo e acaba sua carreira entre 1947 e 1949 no Bangu. Ele permanece entretanto muito ligado ao seu bairro natal onde ele investe as suas economias e onde ele mora quando está no Rio e depois de sua aposentadoria.

Nascido em 1913, Leônidas joga desde os 13 anos no time infantil do São Cristóvão e depois no time principal do Bonsucesso, dois pequenos clubes da primeira divisão, de bairros populares do Rio que não são vilas operárias. No Bonsucesso, ele é formado pelo primeiro técnico negro, Gentil Cardoso, e sai direto desse clube “pequeno” para a seleção nacional que joga contra o Uruguai em 1932, tornando-se o artilheiro da decisão da Copa Rio Branco. Em seguida, ele é contratado pelo Peñarol uruguaio mas, contrariamente a Domingos, fica no banco de reservas, seu estilo não sendo apreciado nesse país. Após uma rápida passagem pelo Botafogo, onde ele provoca divergências entre os dirigentes desse clube sobre a oportunidade de se contratar um jogador preto em 1935, quando o Botafogo sai de sua posição conservadora em favor do amadorismo, ele é transferido em 1936 para o Flamengo, quando é eleito o jogador mais popular do Rio num concurso promovido pelo *Jornal dos Sports* de Mário Filho. Leônidas, apelidado de “o homem de borracha” por sua invenção da “bicicleta”, ou o “diamante negro” como dizia a publicidade de um chocolate, está no ponto culminante de sua popularidade dentro das condições de competição entre os clubes instituída pelo novo profissionalismo e em que se situa o empenho do Flamengo em se tornar o clube mais popular. Com a sua celebridade na volta da Copa do Mundo de 1938, torna-se maior que o clube, mas como ainda está preso por obrigações de um contrato que não corresponde mais à sua notoriedade, ele briga com os dirigentes do Flamengo e é transferido para o São Paulo em 1942, fazendo aumentar o público dos estádios dessa cidade. A popularidade dos dois jogadores negros famosos do Rio torna-se de certa forma efetivamente “nacional” quando passam para a outra cidade grande que é São Paulo. Leônidas joga lá até 1949, quando se torna radialista-comentarista de futebol em São Paulo.

Através dessas comparações pode-se compreender melhor a influência de Mário Filho no futebol brasileiro. A passagem para o profissionalismo não significava apenas assumir imperativos econômicos: com a instauração do profissionalismo, ele contribuiu para a introdução de uma “moral” diferente do jogo, trazendo inclusive uma outra con-

cepção do profissionalismo em relação à europeia. Ele recusava que, em nome da busca da eficiência esportiva (o resultado), os jogadores se tornassem dependentes do clube que os tinha contratado, clube este cujo modo de gestão se inspirava nas empresas paternalistas. Muito pelo contrário, ele insiste no seu livro sobre a história do futebol brasileiro sobre as condições mínimas necessárias para a criação do futebol profissional como universo autônomo, criando suas próprias leis de organização, sua própria definição da competência, em suma, um universo suscetível, a partir do “trabalho” que une jornalistas e público esportivo (todos os que contribuem a fazer do futebol um espetáculo), de estabelecer critérios de excelência e de “popularidade”, o que implica na introdução de um profissionalismo que possa tornar os jogadores relativamente independentes, sobre a base de sua reputação profissional, tanto dos clubes quanto das pressões exteriores ao mundo do esporte (42).

Se Fausto sofreu as consequências do fato de estar ao mesmo tempo adiantado e depois atrasado em relação a seu tempo, querendo exprimir uma lógica profissional sob o amadorismo e entrando, em seguida, já numa fase declinante de sua carreira, sob o profissionalismo sem conseguir contratos à altura de sua fama, Domingos e Leônidas ocuparam todo o espaço aberto pelo novo regime profissional de maneiras diferentes.

Gilberto Freyre, no prefácio do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho, retoma a oposição entre Domingos e Leônidas. Para ele, Domingos, formado no Bangu, encarna um jogo “apolíneo”, ou seja, mais inglês, mais sóbrio, enquanto que o jogo de Leônidas corresponde ao que ele chama de jogo “dionisíaco” na medida em que este jogador aparece, ainda segundo Freyre, como mais criativo, mais emotivo, encarnando melhor o que os jogadores de futebol negros trouxeram para o futebol brasileiro. Assim, o futebol de Leônidas seria a primeira expressão de um futebol novo, emancipado de suas origens britânicas e aristocráticas, o “verdadeiro” futebol brasileiro. Aqui, Gilberto Freyre retoma uma análise que Mário Filho desenvolve no seu livro (pp. 227-44) após evocar um momento-chave da passagem para o profissionalismo com a vitória em 1933 do time do Bangu no campeonato do Rio:

“a capoeiragem e o samba estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios - os floreios barrocos tão do gosto brasileiro -, um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais” (p. 2 do prefácio).

Leônidas, ao contrário, encarna um novo estilo: “o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas e de variações dionisíacas, a dança dançada baianamente por um Leônidas” (p. 3 do prefácio). Pode-se ver nessa oposição tudo o que não consegue ser domesticado, tudo o que escapa à disciplina industrial, eterna tensão que dá vida ao futebol brasileiro e que reencontraremos mais tarde na oposição entre o jogo de Pelé e de Garrincha (43). Mas Pelé, ele próprio filho de jogador de futebol, treinado ainda menino por um grande jogador negro do passado, Valdemar de Brito, da geração de seu pai e de Leônidas e considerado tão talentoso quanto este, é um “clássico” de outra época, ou seja, o verdadeiro herdeiro de todos os “barroquismos” brasileiros.

É verdade que o “estilo brasileiro”, do qual são os jogadores negros ou mestiços os principais artesãos, afirma-se na medida mesmo em que ele pode melhor aparecer e caracterizar-se através da criação de jogadas, estas microrreinvenções do jogo, que se tornam associadas à individualidade de determinados jogadores. Tal é o caso da invenção acrobática da “bicicleta” por parte de Leônidas da Silva, ou da “domingada” de Domingos da Guia - que consistia, apesar de todo o seu “classicismo”, na jogada “barroca” pela qual aquele jogador “trafá” seu “brasileirismo”, ao desarmar como bom zagueiro os atacantes do outro time, mas, ao invés do “chutão” para a frente, safa driblando os adversários com todo o risco de fazê-lo desde as zonas de máximo perigo para sua equipe (44). Tal é também o caso do famoso drible pela direita de Garrincha através do qual ele celebrizou-se internacionalmente, junto com o futebol brasileiro, nas copas de 1958 e 1962 (cf. a descrição

desse drible e a análise do significado social do estilo desse jogador singular em Leite Lopes e Maresca, 1992). Mas talvez a caracterização desse estilo torne-se mais visível tal qual ele se incorporou no jogo mais “lento” e “cerebral” do meio de campo Didi (eleito o melhor jogador da copa de 1958 pela crônica esportiva internacional): não somente ele é o inventor do chute a gol denominado “folha seca” (45), mas também a sua postura corporal ereta, seus dribles de corpo sutis e seus passes e lançamentos a longa distância “de curva”, que resultam em um estilo de jogo do menor esforço aparente, do uso da inteligência e da astúcia mais que da força, encarnam por alguns aspectos a imagem da “dança” ou da capoeira como estilo brasileiro no futebol tal como a descreveu Gilberto Freyre nos anos 40 (isto é, antes de entrada de Didi no futebol de primeira divisão).

Para além dessa oposição entre “classicismo” e “romantismo”, consubstancial a todos os campos de criação, pode-se colocar de fato a hipótese de que essa oposição traduz o trabalho realizado por um conjunto de *experts* do mundo do esporte - um mundo dentro do qual os jornalistas tiveram um papel preponderante - para reformar o futebol brasileiro, “naturalizá-lo” transformando-o num esporte mais próximo dos gostos e das expectativas do povo em matéria de espetáculos populares. “O fato de um jogador assinar um contrato, escreve Mário Filho, receber dinheiro do clube, *viver do clube*, não lhe diminuía a popularidade (...), pelo contrário. O torcedor (...) preferia o profissional, o que ganhava para jogar” (p. 226).

Assim a lógica do profissionalismo, do qual o livro de Mário Filho aparece como uma justificativa a posteriori, é liberar o jogador talentoso do jugo do seu clube pelo trabalho de notoriedade realizado pelos *experts*, jornalistas, torcedores e *connaisseurs*. Mas uma tal reforma só foi possível graças à passagem de um profissionalismo “marrom” (ou “falso amadorismo”), patrocinado financeira e moralmente pelas empresas, para um profissionalismo total, ou seja, um sistema de organização do esporte implicando não somente na profissionalização do conjunto dos atores - jogadores, jornalistas, treinadores e responsáveis de clube - mas tam-

bém de certa forma dos “militantes” em tempo integral que são os torcedores, conjunto de atores cuja ação “unitária” poderia contribuir para transformar um jogo de amadores num espetáculo “nacional”.

Mário Filho insiste sobre o fato da diferença de receptividade que conheceram no Uruguai Domingos e Leônidas. Domingos era muito apreciado no Uruguai, com seu estilo de “inglês dos trópicos”. Leônidas, pelo contrário, é apresentado por Mário Filho como um jogador inovador demais - com suas “bananeiras”, suas cambalhotas e sua invenção da “bicicleta” - para ser reconhecido como um jogador excepcional. Ele só podia ser apreciado no seu justo valor no Brasil. No seu país, segundo Mário Filho, “a cor de sua pele foi para Leônidas um trunfo a mais; apareceu como cada vez mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro” (p. 233). Ele encarnava assim um Brasil mais “autêntico” pelo fato de possuir as propriedades físicas da maioria da população pobre do Rio, mais que, por exemplo, Romeu Pellicari, seu colega de seleção na copa de 1938, centroavante “quase louro de olhos azuis”, filho de imigrantes italianos de São Paulo e que foi contratado pelo Fluminense desde 1935. Mas não se trata unicamente de uma questão de cor (46). Através dessas questões específicas do futebol se opõem diferentes “modelos” de autenticidade do povo brasileiro correspondente a camadas diferentes da imigração que são ao mesmo tempo “morais” do esporte retraduzidas nas concepções diferentes do profissionalismo: enquanto numerosos jogadores brancos de São Paulo expatriaram-se na Europa e por lá ficaram, os maiores jogadores negros como Fausto, Domingos e Leônidas, após tentarem a carreira no Uruguai, na Argentina e na Europa, voltaram para o Brasil pois não podiam ser assimilados por lá. São condenados ao sucesso “local”, a serem grandes jogadores locais, a serem os grandes jogadores do Brasil. É nesse sentido que são os grandes iniciadores de um futebol nacional. Para uns e para outros, o futebol não pode ter o mesmo sentido. Há entre eles toda a diferença que separa os “bons profissionais” suscetíveis de exercer seus talentos na escala do futebol mundial e os jogadores de talento que, por procurarem no sucesso esportivo uma emancipação étnica, ficam condenados ao sucesso em sua pátria unicamen-

te (47). Para Mário Filho, o profissionalismo é um meio para levar à emancipação dos negros, condição necessária para a constituição do futebol como esporte “nacional”. Um tal empreendimento não é só negócio de dinheiro mas de constituição de uma relação de identidade entre os jogadores e o público, unidos pela adesão a um mesmo projeto de emancipação social pelo esporte. É nesse sentido que Mário Filho aparece como um reformador menos das regras explícitas do futebol que do *sentido do jogo*, ou seja, das condições sociais que podiam transformar um esporte em espetáculo popular, ou ainda em representação simbólica e eufemística de uma questão social para a definição das propriedades morais e corporais, no esporte inseparáveis, que definem o indivíduo de excelência.

5. A INVENÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO, OU COMO FAZER POLÍTICA POR OUTROS MEIOS

Mário Filho e sua prática na imprensa esportiva dos anos 30 consegue contribuir para inverter o perigo de enfraquecimento do futebol, transformando-o em espetáculo para o grande público; suas campanhas, seus concursos e conceitos encontraram grande receptividade. Em 1936, ele compra, com a ajuda dos presidentes do Flamengo e do Fluminense, que lhe garantem os credores (cf. Ruy Castro, op. cit., p. 133), um jornal esportivo fundado na mesma época que *O Mundo Esportivo* e que estava falindo: o *Jornal dos Sports* (48). Seis anos depois da perda de *A Crítica* por razões políticas e por causa da tragédia familiar, Mário Filho volta a ser diretor-proprietário de jornal reconvertido no esporte. Ele mantém paralelamente sua contribuição em *O Globo* mesmo quando cede a direção da página esportiva ao seu irmão Augustinho em 1942; ele assume ali uma coluna onde escreve crônicas sobre a história do futebol a partir das entrevistas acumuladas com os jogadores do passado e arquivos privados do historiador de origem aristocrática e ex-grande goleiro do Fluminense, Marcos Carneiro de Mendonça, símbolo das grandezas do amadorismo, para reconstituir esse período (a escritura dessa coluna o levará em seguida a seu livro sobre a história do futebol, publicado em 1947). Mário Filho se caracte-

riza por um certo ecumenismo: ecumenismo entre as classes sociais (mesmo se ele é um reformador), ecumenismo entre os clubes.

Esse ecumenismo manifestou-se, como vimos, nos cafés e bares dos clubes e no café “neutro” de Mário Filho onde se tornou uma espécie de “escritor público” do futebol nos anos 30. Estabelece-se ali também (naquele como em outros cafés e bares) uma ligação entre a música popular e um estilo boêmio das classes médias (49), o mesmo acontecendo relativamente ao esporte, com jornalistas, músicos e burgueses sensíveis ao que “acontece em baixo”. Há uma invenção de formas de expressão dentro das quais os dominados podem se “reconhecer”. É através de contatos desse tipo que novas técnicas de mobilização de massas são inventadas, eficazes no espaço esportivo ou artístico mas também no espaço político.

De fato, essas novas formas de comunicação com as classes populares através do futebol são aproveitadas na linguagem do corporativismo de Estado contemporâneo ao regime autoritário do Estado Novo assim como na gênese do sindicalismo de Estado. As maiores intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, o maior estádio do Rio antes da construção do Maracanã em 1950. É ali que a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, ou a criação das leis do trabalho em 1943. O futebol aparece assim como o pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre o poder e o povo (50). Mas em conjunturas políticas mais democráticas, essas relações entre o povo e o poder podem se manifestar nos dois sentidos. O futebol como cultura popular e de massa é mais duradouro que manipulações políticas conjunturais: há uma linguagem específica, lugares de agrupamento (estádios, bares) e um estilo de manifestações em todos os sentidos da palavra com seus signos e símbolos para se fazer reconhecer (inclusive as manifestações originárias das torcidas de futebol que passam a ser usadas em manifestações políticas populares democráticas). Assim como a religião, o esporte pode aparecer como uma forma “minimalista” da política e das exigências de emancipação social e de justiça social. É dentro dessa lógica que as

carreiras dos grandes jogadores negros podem aparecer como exemplares do desejo de integração da população negra na sociedade brasileira. O futebol oferece de fato uma “linguagem comum”, compreendida por todas as classes da sociedade e, através da imprensa, imagens hagiográficas dos grandes jogadores: o futebol aparece como um universo idealizado de justiça social em que vencem os mais corajosos e os mais talentosos, uma meritocracia cujos critérios de justiça são implicitamente generalizados ao conjunto da sociedade. O futebol que pôde servir num primeiro momento de linguagem de mobilização pode servir numa segunda acepção de linguagem de negociação entre as classes.

Desse ponto de vista, Mário Filho é alguém que tem interesse na extensão da profissão, logo no profissionalismo, e ele tenta fundar a base de um profissionalismo “não-selvagem”, com regras, com uma ética da profissão (51). Como os feiticeiros descritos na sociologia de Max Weber, Mário Filho, enquanto jornalista que se dedica a um gênero dominado da imprensa, está condenado ao sucesso: é preciso estar sempre inventando alguma coisa. Seus interesses jornalísticos são ligados ao futebol enquanto espetáculo popular. Ele é assim o principal defensor da construção do estádio Maracanã para a copa de 1950 - o tamanho (“o maior estádio do mundo”, para cerca de 200.000 pessoas) e a localização previstos no projeto do estádio são criticados por políticos influentes. Uma vez mais suas campanhas na imprensa e sua livre circulação entre grupos políticos e clubes acaba envolvendo os vereadores e outras autoridades envolvidas. Em 1950 ele inventou também competições de futebol para preencher os vazios do calendário desse esporte, como o campeonato entre os principais clubes do Rio e São Paulo (52), que continuou realizando-se todos os anos até a década de 70, quando um campeonato nacional de clubes foi organizado. Ele contribuiu assim para a “nacionalização” desse esporte também no sentido da centralização e da comunicação no interior do país e num sentido de promoção de disputas contra clubes de outras nações. E durante todos esses anos desde 1949, ele patrocina em setembro (o mês da Independência), através do seu jornal, os “jogos da primavera”, reunindo a juventude dos

clubes e dos colégios e liceus do Rio em várias modalidades de esportes amadores (53). Todos os anos os diferentes presidentes da República até 1965 (Mário Filho morre em 1966) comparecem nas tribunas de honra ao lado do inventor e promotor desse evento esportivo e escolar (54).

Ele parece ser consciente desse seu papel político através do esporte, segundo pode-se deduzir de um comentário feito na página 365 de *O Negro no Futebol Brasileiro*:

“É de uma importância ainda não devidamente analisada a influência do esporte, sobretudo do futebol, na vida política do Brasil. Os papéis se tinham invertido. Porque quando o futebol dava os primeiros passos teve que se voltar para a política nacional em busca de um modelo. Daí a anulação dos jogos, semelhante à depuração dos eleitos para o Congresso pela matemática Pereira Lôpo. Um clube ganhava um jogo e tinha de lutar, para que a vitória valesse, como um deputado depois de vencer uma eleição. Em 50 tentou-se evitar a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República com a tese da maioria absoluta. Tal tese tinha até, para torná-la válida, um dispositivo militar. Não triunfou por causa de um princípio esportivo: não se muda a regra do jogo depois da competição. E mais do que isso a frase que todos entendiam por andar na boca de cada torcedor: - jogo se ganha no campo”.

Mas como o exemplo refere-se às regras formais do futebol e da política, as interações mais amplas entre esses dois campos e sua ação nesse terreno não são explicitadas. Ora, seu exemplo e sua influência na criação de um futebol brasileiro faz intervir regras muito mais importantes que as regras formais, que são precisamente as regras que tornam um esporte popular ou não popular, quer dizer, que permitem ou não o acesso a um esporte, enquanto jogador ou enquanto torcedor, ou a outras categorias sociais. São regras de mobilização que transformam um esporte de elite num esporte popular, ou seja, num esporte “nacional”, regras que inventam o jogo na sua dimensão social. Pois se Mário Filho toma posição pelo profissionalismo, ele luta ao mesmo tempo para que se defi-

nam regras e condições para organizar o jogo sobre outras bases, que implicam na incorporação de novos praticantes e de um novo público mais amplo. É uma transformação das regras do jogo que implica ao mesmo tempo num trabalho sobre as convenções do jogo e sobre os *habitus* de todos aqueles que contribuem para a criação do jogo enquanto espetáculo social.

Na década de 50, Mário Filho tinha se tornado, segundo as palavras de Ruy Castro, biógrafo de seu irmão Nelson Rodrigues, um ministro informal do futebol brasileiro. A tentação é grande de comparar sua trajetória à de seu pai que, tendo sido jornalista político em Recife, editorialista de um dos principais jornais do Rio, e depois proprietário de um jornal nessa cidade, sucumbiu finalmente diante da violência da política e de seu próprio jornal sensacionalista. É verdade que Mário Filho, tendo sido ao mesmo tempo excluído do jornalismo político pela vitória da Revolução de 30 e dos inimigos de seu pai, assim como do jornalismo policial ou criminal (outro trunfo do jornal de sua família) por causa dos efeitos deslegitimantes que o escândalo que resultou no assassinato de seu irmão tinha provocado na família, não tinha praticamente outra saída senão voltar-se para o jornalismo esportivo. Mas a sistematicidade de sua preferência por esse jornalismo e sua intervenção criadora nesse esporte deixa-nos supor que sua inclinação de juventude pela página esportiva, que era um lugar mais autônomo dentro da empresa da família, torna-se em seguida uma pulsão para a superação dos efeitos da tragédia familiar através da política por outros meios, principalmente o da pacificação e das possibilidades de inclusão dos marginalizados e da realização de justiça social, que ele descobre e persegue no futebol. Se utiliza o *habitus* jornalístico adquirido na empresa do pai, de criar o evento mais ainda do que o noticiar (55), ele o faz no sentido da ampliação e da universalização dos efeitos políticos de pacificação dos dominantes (56) e de emancipação dos excluídos que o esporte pode ter num país em busca de uma identidade nacional. Pode-se fazer a hipótese que há ali uma homologia entre sua posição de *outsider* político nos anos 30 e a posição dos atletas das classes populares, negros, mestiços, brancos pobres: ele conse-

guiu objetivar essa última exclusão e lutar para eliminá-la (57).

Na primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*, se seu quarto capítulo “Ascensão Social do Negro” dá a impressão de um final feliz a leitores apressados, ele já anuncia ali a possível persistência do racismo e da autodesvalorização de um povo em sua maioria mestiço e negro. Há uma antecipação do que ficará mais claro em seguida: o drama da Copa do Mundo de 1950, a renovação das tendências racistas no futebol brasileiro durante os anos 50 (58). Na segunda edição do livro, em 1964, ele pode assinalar a confirmação histórica de suas teses com a “inversão” de 1958 (Copa do Mundo ganha na Suécia por um time que derruba os estereótipos racistas anteriores) e a persistência e a consagração dos grandes jogadores negros estilistas como Didi, Pelé, Garrincha e muitos outros (copas de 1958 e 1962 contra as copas de 1950 e 1954). Ele pode assim, nesta segunda edição, acabar seu livro com o auge da consagração internacional de Pelé, que inverte as dificuldades de ambientação que muitos jogadores negros brasileiros ressentiram no cone sul latino-americano ou principalmente na Europa (como Leônidas, Fausto ou Didi) através da recusa de contratos milionários para sair do Brasil (59).

Mário Filho morre aos 58 anos logo depois da derrota brasileira na copa de 1966. O grande estádio do Maracanã no Rio, pelo qual fez campanha na imprensa a favor de sua construção para a copa de 1950, tomou desde então o seu nome (por proposta dos vereadores da cidade), como se a associação do seu nome a esse estádio para todos homenageasse sua contribuição na criação de uma linguagem comum entre as diferentes classes e grupos sociais através do futebol. É também uma homenagem àquele que soube popularizar o futebol no Brasil e transformá-lo num esporte nacional a ponto de aparecer hoje para os brasileiros como uma “segunda natureza”. Durante muito tempo, até a entrada dos países africanos na competição da Copa do Mundo, os jogadores de futebol brasileiros puderam aparecer como os heróis negros e mestiços aos quais podiam se identificar, via televisão, todos os espectadores negros do planeta. Eles eram os heróis de um jogo que parecia ter sido inventado para eles.

- 1 Seu livro principal é: *O Negro no Futebol brasileiro*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964 (2ª edição; a 1ª edição é de 1947). Onde houver, mais adiante, indicação de números de páginas sem indicação de autor e obra, é a este livro e a esta edição que estarei me referindo.
- 2 Esse artigo insere-se num trabalho que procura descrever as diferentes facetas da história do futebol brasileiro a partir da ação inovadora produzida tanto pelos jogadores como pelos agentes que podiam contribuir na transformação desse esporte numa atividade e num espetáculo popular: evoca-se nesse texto a biografia de um jornalista esportivo, dando prosseguimento à de Garrincha, um dos maiores jogadores do futebol brasileiro. Cf. José Sergio Leite Lopes com Sylvain Maresca, "La Disparition de la 'Joie du Peuple': Notes sur la Mort d'un Joueur de Football", in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 79, setembro/1989, pp. 21-36; e "A Morte da 'Alegria do Povo'", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 20, out./1992, pp. 113-34. Essa série de biografias deveria ser completada pela de outros atores do "enquadramento moral" do esporte: o presidente de um clube, um treinador, um representante de torcida.
- 3 Cf. as importantes reflexões de Roberto DaMatta sobre a oposição entre regras universais e o desejo de grupos e indivíduos na sociedade brasileira: R. DaMatta, L. F. B. N. Flores, S. L. Guedes e A. Vogel, *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, Rio, Ed. Pinakotheke, 1992, pp. 35-40.
- 4 A expressão é de Wanderley Guilherme dos Santos em *Cidadania e Justiça* (Rio, Campus, 1979). Para uma apresentação concisa da história do sindicalismo brasileiro, cf. José Sergio Leite Lopes, "Lectures Savantes d'un Syndicalisme Paradoxal; la Formation de la Classe Ouvrière Brésilienne et le Syndicat Officiel", in *Genèses*, 3, março de 1991, pp. 73-96.
- 5 A maior parte dos dados biográficos de Mário Filho e de sua família foi tirada da biografia sobre seu irmão, o jornalista e teatrólogo Nelson Rodrigues, de autoria de Ruy Castro (*O Anjo Pornográfico: a Vida de Nelson Rodrigues*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, especialmente pp. 11-136), base factual em que esta parte deste artigo se apóia. Mário Rodrigues (o pai) diplomou-se em direito no Recife em 1908 (uma das principais faculdades do Brasil) e lançou-se no jornalismo político dessa cidade em 1911. Por causa de divergências políticas locais, muda-se para o Rio com sua família em 1916. Na capital, torna-se repórter parlamentar e depois editorialista de um dos principais cotidianos, o *Correio da Manhã*, entre 1916 e 1925, pedindo demissão em outubro por causa de divergências e brigas com seu patrão. Em dezembro desse mesmo ano, funda *A Manhã*.
- 6 Em 1928 Milton Rodrigues, 23 anos, era o secretário do jornal, Roberto Rodrigues, 21 anos, que cursava a Escola de Belas Artes, colega e amigo tão talentoso quanto Cândido Portinari, era um dos desenhistas do jornal, Mário Filho, 20 anos, era o gerente, responsável, desde os 18 anos, pelo pagamento dos jornalistas; Nelson Rodrigues, 16 anos, escrevia crônicas e trabalhava na página de polícia.
- 7 Em 1928, Mário Rodrigues perde para o seu sócio financeiro o controle de *A Manhã*, mas no final desse mesmo ano funda um outro jornal, *A Crítica*, que guarda as mesmas características do anterior, sendo que com mais ousadia. Na véspera da primeira edição do novo jornal, Mário Rodrigues reúne todos os pequenos jornaleiros do Rio para comunicar-lhes que o produto da venda dessa primeira edição era para eles. As vendas foram importantes nesse dia e se mantiveram graças à preferência dos pequenos jornaleiros. *A Crítica*, jornal de oito páginas, tem como principais trunfos uma primeira página política e geralmente agressiva, uma última página policial e um projeto gráfico inovador.
- 8 O novo jornal *A Crítica* é ainda mais agressivo que o precedente *A Manhã*. Seu lema, embaixo do título do jornal, era "Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo". Por exemplo, um de seus ataques dirigia-se ao industrial Francisco Mattarazzo, acusado de irregularidades nos negócios do café. A denúncia estampava uma foto do industrial ocupando toda a primeira página da edição de 17 de março de 1929, com a palavra "ladrão" impressa na sua cabeça. Mattarazzo entra na justiça e Mário Rodrigues começa a publicar no jornal um folhetim intitulado "O Abutre", fazendo uma biografia pejorativa e caricatural desse *self-made man* desde suas origens na Itália (cf. R. Castro, op. cit., p. 69).
- 9 Pouco antes do desencadeamento do movimento revolucionário, em agosto de 1930, Silvia Seraphim é julgada e absolvida segundo a figura jurídica de "privação momentânea dos sentidos" do código penal. A maior parte da imprensa não tinha nenhuma simpatia pela causa dos Rodrigues.
- 10 No final de 1930, a idade dos Rodrigues era: Milton - 25 anos; Mário Filho - 22; Stella - 20; Nelson - 18; Joffre - 15; Maria Clara - 14; Augustinho - 12; Irene - 10; Paulo - 8; Helena - 7; Elsa - 3; Dulce - 11 meses.
- 11 Roberto Marinho, hoje patrão todo-poderoso da imprensa e da rede de televisão *O Globo*, é o filho mais velho de Irineu Marinho, que funda o jornal *A Noite* em 1911 no Rio. Em 1924, ele perde seu jornal para um sócio durante uma estadia para tratamento medical na Europa. Em 1925, ele funda *O Globo*, mas morre de enfarte vinte dias depois. Roberto Marinho tem então 25 anos e, contrariamente a Mário Filho, acha que é jovem demais para dirigir um jornal, muito ocupado com suas atividades de lazer (automobilístico, boxe, regatas e bilhar). Ele delega a direção do jornal ao secretário de redação de seu pai e só a retoma quando este morre em maio de 1931. Uma de suas primeiras contratações é a de um outro jovem herdeiro, doravante impedido de exercer sua herança, Mário Filho, seu colega de bilhar de alguns anos (cf. R. Castro, op. cit., p. 115).
- 12 Ele pede a R. Marinho a contratação de seus irmãos Nelson e Joffre para ajudá-lo na página esportiva, tentando reproduzir assim o modelo de trabalho familiar que seu pai utilizava nos seus jornais. Seu novo empregador propõe que eles trabalhem para irem treinando, mas não tem possibilidade de lhes pagar salários. É como se o salário de Mário Filho fosse um salário da família (ou pelo menos da parte da família que trabalhava).
- 13 O neologismo "futebol" já tinha se formado; a utilização de "football", em inglês, indicava ao mesmo tempo a origem social do clube e o conformismo da imprensa seguindo "naturalmente" os nomes "corretos".
- 14 Em *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Filho faz uma verdadeira etnografia da relação do clube de fábrica com a vida social local dominada pela vila operária no bairro de Bangu. Além da figura do operário-jogador, ele destaca também a recorrência neste contexto do jogador abnegado pelo clube-empresa, dando exemplos disto tanto em Bangu quanto no clube Andaraí, pertencente também a uma fábrica têxtil.
- 15 A liga exigia também que os jogadores soubessem ler e escrever: o teste era a avaliação da velocidade com a qual o jogador assinava o seu nome na entrada do jogo. O Vasco instituiu um curso de caligrafia para seus jogadores.
- 16 O peso dessa presença pode ser objetivado, por exemplo, na designação de um cemitério chique de Recife no final do século XIX, chamado "cemitério dos ingleses".
- 17 Ele chegou a jogar como *center-forward* na seleção do condado de Hampshire contra o time do Corinthians de Londres. Trouxe para São Paulo duas bolas de couro e um uniforme completo de futebol e organizou em seguida encontros entre ingleses e brasileiros da Companhia do Gás, da London Bank e da São Paulo Railway. Ele conseguiu também ganhar os associados do clube de *cricket* São Paulo Athletic Club para a prática do futebol. Conquistou em seguida uma certa popularidade como jogador em São Paulo, como inventor mítico de uma acrobacia que se tornou bem "brasileira", o "charlies", que consistia em amortecer ou jogar para o alto a bola lançada à meia-altura com a face externa do pé. É bem possível que o jogo tenha sido praticado antes disso, de maneira mais improvisada, como por exemplo os encontros entre alunos organizados pelos padres do Colégio São Luís em Itu, interior de São Paulo, entre 1872 e 1873, segundo as regras de Eton, Inglaterra. Marinheiros ingleses teriam organizado jogos em várias cidades do litoral

- brasileiro na mesma época, assim como funcionários da companhia de navegação City, da Leopoldina Railway e da São Paulo Railway. Cf. o verbete "futebol", feito por João Máximo e João Saldanha, da *Enciclopédia Mirador Internacional*, vol. 10, p. 5.036. É interessante como a *Encyclopaedia Britannica* (Chicago, London, Toronto, ed. 1952; vol. 9, pp. 469-489) dedica apenas as duas páginas e meia finais ao "football association" ou "soccer" dentre as vinte do seu verbete "football", majoritariamente ocupadas com o rugby e o "american football"; enquanto inversamente o verbete correspondente na versão brasileira dessa enciclopédia dedica vinte e oito das trinta páginas do verbete ao "football association" e as duas finais ao rugby e ao futebol americano. O conteúdo principal do verbete é dedicado ao futebol brasileiro (e há duas páginas dedicadas à modalidade "futebol de salão").
- 18 Mário Filho em seu livro registra a composição profissional do time do América em 1916: um estudante de medicina, um linotipista do jornal *Correio da Manhã*, um aluno da escola militar, três engenheiros agrônomos, um industrial, um funcionário dos telégrafos, um funcionário da companhia de eletricidade, um empregado do comércio, um empregado ligado à exportação do café, um filho de rico sem ocupação (*O Negro no Futebol Brasileiro*, p. 99). O time do Flamengo é majoritariamente formado de estudantes de medicina.
- 19 O primeiro capítulo do livro de Mário Filho sobre a história do futebol lembra a importância dos rituais da época do amadorismo ligados ao estilo de vida britânico; os jogos terminavam com festas nos bares, bebia-se whisky, cantavam-se canções inglesas, o que marginalizava os jogadores e torcedores brasileiros de origem popular. (A vingança destes consistia na brasileiração espontânea dos dizeres das canções: "when more we drink together" transformava-se em "onde mora o Pinto Guedes"; "for he is a jolly good fellow" em "a baliza é bola de ferro". Seria interessante analisar-se a brasileiração diversa que ocorre hoje, em 1994, quando a torcida do Flamengo transforma o refrão "uh! there it is!" de um rap cantado nos bailes funk em "úu, terere", "úu, derere", ou ainda "úu, perere" depois de um gol do clube). Mário Filho dá outros exemplos da transformação do vocabulário esportivo inglês em português. O público era aristocrático, com moças de boa família, como no Jockey Clube. Os espectadores das classes populares, que são cada vez mais numerosos, ao irem assistir aos jogos sentiam-se pouco à vontade nesse meio burguês, mas ficavam fascinados por esse esporte.
- 20 Mário Filho contou esse episódio na sua coluna de *O Globo Esportivo* nos anos 30 (quando ele entrevistava os antigos jogadores e reunia o material que utilizou no livro sobre a história do futebol brasileiro) e utilizou-o para a emulação das rivalidades entre grupos de torcedores na sua campanha pela constituição de um público mais abrangente para o futebol profissional (essa designação estigmatizante permanece hoje como acusação dos torcedores de outros clubes contra o Fluminense e como categoria auto-assumida).
- 21 Anatol Rosenfeld, no seu excelente artigo "O Futebol no Brasil", escrito para um público leitor alemão, apresenta reações semelhantes de rejeição elitista de clubes "grandes" paulistas, como o Paulistano, diante da entrada na primeira divisão de clubes com jogadores "de outras zonas" (isto é, dos subúrbios) em detrimento de equipes integradas por "jovens delicados e finos" (Rosenfeld está citando as categorias nativas dos clubes tradicionais), em 1913 e 1925. "muitas confusões da política de clubes e federações explicam-se assim por um tenaz conflito de classes" (A. Rosenfeld, "O Futebol no Brasil", in *Argumento*, ano 1, nº 4, fevereiro de 1974, p. 68; este artigo foi republicado na coletânea *Negro, Macumba e Futebol*, São Paulo, Perspectiva, 1993), embora em São Paulo o critério da discriminação pela cor esteja certamente menos presente que no Rio, devido à presença numérica relativa menor dos negros.
- 22 O Vasco reivindica o título de campeão de uma outra associação de clubes em 1924. Cf. a relação de títulos constante da agenda 1994 do Vasco semelhante à série de agendas dos principais clubes do Rio e de São Paulo produzidas e vendidas pela Editora Gráfica e Publicidade, do Rio.
- 23 A entrada brasileira na rede do pequeno mundo do futebol internacional materializa-se (de maneira precária e ingênua em relação às práticas atuais) já a bordo do Transatlântico *Conte Verde* que parte dos portos italianos com os times francês, belga e romeno (o único outro time europeu será o da Iugoslávia) e com o próprio Jules Rimet (presidente francês da Federação Mundial de Futebol) acompanhado da estatueta de ouro destinada ao vencedor da copa. A delegação brasileira junta-se às outras embarcando no Rio neste navio em seu trajeto para Montevidéu. Cf. G. Vigarello, "Les Premières Coupes du Monde ou l'installation du Sport Moderne", in *Vingtième Siècle*, abril-junho/1990, p. 5.
- 24 Ver, a esse respeito: Joel Rufino dos Santos, *História Política do Futebol Brasileiro*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- 25 O goleiro preto do Vasco, Jaguaré, também ficou na Espanha; o Vasco, que liderava o campeonato de 1931, acabou perdendo-o depois da ida desses seus dois jogadores para a Espanha.
- 26 O futebol teve uma difusão precoce na Argentina e no Uruguai. A Argentina foi um dos primeiros países a conhecer este esporte fora da Inglaterra; desde 1865 um grupo de ingleses residentes na Argentina fundou o Buenos Aires Football Club. O Uruguai era bicampeão olímpico de futebol quando suas autoridades se propuseram a sediar a primeira Copa do Mundo em 1930 (e ganha por este país). A primeira confederação continental a ser fundada, após a Fifa (fundada em 1904), foi a sul-americana, em 1916. Cf. o verbete "Futebol" da *Enciclopédia Mirador*, vol. 10, pp. 5.036-8.
- 27 Com o advento do profissionalismo em 1933, o Vasco propõe um contrato para Fausto e ele volta logo de Genebra, depois de deixar a Espanha onde acabava de recusar ofertas de naturalização. Quanto ao goleiro Jaguaré, decide deixar o clube espanhol e volta para o Brasil antes de Fausto e antes da adoção do regime profissional: ele acaba oferecendo-se de novo ao Vasco, que o faz esperar antes de retomá-lo. No sentido oposto, vários jogadores brancos de São Paulo (mais frequentemente) ou do Rio, de origem italiana verdadeira ou falsa, acabam integrando-se na Itália.
- 28 Cf. R. Alvim e J. S. Leite Lopes, "Famílias Operárias. Famílias de Operárias", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 14, out./1990, pp. 7-17 e J. S. Leite Lopes, *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés* (São Paulo/Brasília, Marco Zero/Ed. da UnB., 1988), para uma análise da situação de fechamento das vilas operárias; cf. A. Garcia Jr., *O Sul: Caminho do Rocado; Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social* (São Paulo/Brasília, Marco Zero/Ed. da Unb., 1989, cap. 1), para uma análise do mundo fechado dos engenhos.
- 29 Já em 1919, a primeira competição internacional ganha pelo Brasil, o campeonato sul-americano realizado aquele ano, tinha projetado o primeiro jogador brasileiro venerado pelo público da época, o centroavante Arthur Friedenreich, autor do gol da vitória. Filho de pai alemão e mãe brasileira negra, esse mestiço escapava ao destino de seus semelhantes pela proteção do pai pertencente ao *establishment* de origem alemã em São Paulo, jogando no clube Germânia e em outros clubes importantes da cidade. Sua lenda como grande jogador, entretanto, não deixa de ter ligação com a sua condição ambígua de mestiço protegido (para mais informações sobre o clube Germânia, cf. o artigo supra-citado de A. Rosenfeld, p. 63).
- 30 Os laços entre futebol e samba vão aumentar ao longo do tempo, mas não era raro que jornalistas boêmios frequentassem os dois mundos; é o caso do irmão de Mário Filho, que trabalha com ele, Joffe, amigo de compositores de samba como Lamartine Babo que nos anos 40 vai compor vários hinos de clubes de futebol. O episódio de *O Mundo Esportivo* está em Ruy Castro, op. cit., pp. 117-9.
- 31 Essa posição é reforçada pelo interesse do presidente do Vasco pelo profissionalismo e, portanto, ter em Mário Filho mais um aliado, pelas relações pessoais deste último com o presidente do Flamengo, marido da irmã de sua mulher, e por seu antigo conhecimento do presidente do Fluminense, clube onde ele ia consultar os arquivos e entrevistar os antigos jogadores para fazer uma história do futebol na sua coluna da imprensa.
- 32 O primeiro torcedor a chegar no estádio ganhava um prêmio, geladeiras eram sorteadas entre os torcedores (cf. R. Castro, op. cit., p. 132).

- 33 Seu investimento na história do futebol e dos clubes, consultando os arquivos dos clubes e arquivos privados, assim como as entrevistas com antigos jogadores, tudo isso feito com respeito e empatia pela cultura específica desse passado de amador, mas também compreendendo os sofrimentos dos "pequenos" e dos excluídos, lhe deu uma força e uma legitimidade consideráveis para intervir no presente.
- 34 Denominação que Mário Filho retomou do passado, de um time misto dos dois clubes que enfrentou a seleção de São Paulo, substituindo o sentido de cooperação pelo de duelo. Para uma visão desse duelo "clássico" através de crônicas dos irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, cf. *Fia-Fiu... e as Multidões Despertaram*, organizado por O. Maron Filho e R. Ferreira (Rio, Ed. Europa, 1987).
- 35 O Fluminense no Rio racionaliza essa posição para manter sua tradição aristocrática, dizendo que os jogadores tornam-se assalariados do clube e não associados; é entretanto um dos últimos nos anos 40 a ter jogadores negros no seu time; durante os anos 30, ele responde à competição por bons jogadores do Vasco e Flamengo recrutando jogadores brancos de São Paulo. O Palmeiras, antigo Palestra Itália da colônia italiana de São Paulo, só começa a recrutar negros quando muda de nome depois da entrada do Brasil na guerra em 1942 ao lado dos aliados. (Informações em M. Filho, *O Negro...*, e em A. Rosenfeld, op. cit.)
- 36 A apropriação de um clube originalmente de elite como o Flamengo pelas classes populares parece estar também relacionada à mudança territorial da Rua do Paissandu e do bairro do Flamengo para o bairro da Gávea na segunda metade dos anos 30, então um bairro com partes notadamente populares como a chamada "Gávea Vermelha" das fábricas têxteis e vilas operárias ou a favela da Praia do Pinto nas proximidades do estádio do clube. Até hoje o clube (e sua torcida) é estigmatizado como "da favela" ("ela, ela, ela, silêncio na favela!"; gritam hoje em dia as torcidas adversárias quando o Flamengo está perdendo) e como "do urubu" (símbolo este que foi assumido pelo clube), embora sua popularidade tenha crescido entre as classes médias.
- 37 Mário Filho está presente nesse momento onde as atenções se voltam para essa grande competição internacional. Em 1938, quando a imprensa brasileira não tem recursos para enviar correspondentes especiais durante a Copa do Mundo na França, Mário Filho consegue fazer com que *O Globo* pague ligações telefônicas na véspera de cada jogo com o treinador nacional e os jogadores e assim fornecer matéria para várias edições desse jornal durante um mesmo dia, e alimentar também de notícias seu próprio jornal (cf. R. Castro, op. cit., p. 222). É que de fato Mário Filho era o diretor proprietário de um jornal esportivo há dois anos, começando sua segunda experiência no gênero sem deixar de colaborar com *O Globo*. A campanha pelo profissionalismo, bem-sucedida, colocou-o de novo à frente de um jornal. No *Jornal dos Sports*, poderá desenvolver suas concepções do jornalismo esportivo e terá um instrumento sob sua direção para sua arte de produzir eventos.
- 38 A invenção do jornalismo esportivo é, assim, paralela à invenção do futebol profissional; são dois aspectos de uma mesma invenção. O caso de Mário Filho mostra como ele contribui para a invenção simultânea de uma forma de escrita e de uma forma de espetáculo. Mas essa dupla invenção só é possível com a condição de instaurar-se um mercado profissional de jogadores e um mercado jornalístico que tem interesse nesse mercado esportivo. De uma certa maneira, é o jornal que cria a demanda e que produz o evento, quer dizer, torna-o visível como fenômeno político ou nacional. Ou seja, a ação da imprensa é "reescrever" o evento, reclassificá-lo numa outra categoria de eventos que não aquela à qual pertencia inicialmente enquanto fenômeno esportivo.
- 39 Pode-se encontrar aqui apoio na análise inspiradora da comparação entre Mozart, preso a sua revelia ao modo de dominação do mecenato de corte, e Beethoven, dez anos mais velho, que já consegue autonomizar-se como artista sustentado pelo público e pelo mercado. Cf. Norbert Elias, *Mozart, Sociologie d'un Génie*, Paris, Seuil, 1991.
- 40 Cf. Joel Rufino dos Santos, *História Política do Futebol Brasileiro*, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- 41 Outro jogador em atividade que morreu tuberculoso, o operário-jogador Monteiro, do clube Andaraí, é dado como exemplo por Mário Filho como caso-limite e vítima do excesso de atividade, de abnegação pelo clube-empresa e do desgaste do amadorismo do jogador proletário no amadorismo.
- 42 Essa luta pela maior autonomia dos jogadores assumirá uma feição mais explícita alguns anos depois da morte de Mário Filho, no final dos anos 70, paralelamente aos movimentos pela democratização da sociedade, com a tentativa de organização de um sindicato dos jogadores profissionais, onde se destacavam jogadores como Zico e Sócrates, após tentativas de lutas isoladas contra a chamada "lei do passe" como a do jogador Afonsinho. Cf. R. Benzaquem de Araújo, *Os Gênios da Pelota; um Estudo do Futebol como Profissão*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1980 (dissertação de mestrado).
- 43 Para uma análise dessa oposição, ver J. S. Leite Lopes e S. Maresca, art. cit, 1992.
- 44 Mário Filho ele próprio faz a relativização da oposição entre Domingos e Leônidas que G. Freyre tende a exagerar sociologicamente: "De uma certa forma Domingos foi o Machado de Assis do futebol brasileiro. Inglês por fora, brasileiro por dentro. Sobretudo carioca. Quanto mais se esforçava para ser inglês, mais Domingos se traía como carioca" (p. 243).
- 45 A folha seca consiste em um chute a gol "de efeito", geralmente executado quando da cobrança de faltas próximas à grande área, um chute que resulta da batida na bola por fricção (seja com o lado interno do pé, dando ao chute maior precisão, seja com o lado externo do pé, dando-lhe menos precisão e mais força), de maneira a produzir uma trajetória de curva à bola, fazendo mudar o curso esperado da bola, como o efeito de um semi-boomerang - daí a imagem da folha seca levada pelo vento - iludindo os goleiros.
- 46 Assim, Mário Filho sugere que o estilo brasileiro de futebol, inventado ao longo dos anos por jogadores negros e mestiços oriundos do futebol de *pelada* e encarnado como caso exemplar por Leônidas, se difunde entre jogadores brancos que passam eles também a participarem e a prosseguirem na invenção continuada desse estilo. Tal é o caso do próprio oriundo Romeu, inventor do drible "vai mas não vai" (p. 244); ou, no limite, o importador anglo-brasileiro do futebol Charles Miller, inventor do *charles*. Fazendo assim com que M. Filho considerasse Domingos, apesar de "inglês por fora, carioca por dentro" (cf. nota 44), "mais inglês, porém, do que os ingleses brancos que o torcedor conhecia" (p. 243).
- 47 Aqui também a comparação com (e a extensão para) o que ocorreu com o meia-armador negro Didi no início da década de 60 no Real Madrid da Espanha é ilustrativa a este respeito. Como alguns outros grandes jogadores, tais como Domingos da Guia e Garrincha, que foram operários-jogadores de equipes de fábricas têxteis, Didi teve como um de seus times iniciais o do juvenil do Industrial, clube de fábrica têxtil da cidade de Campos, onde nasceu e onde se preparava para ser operário qualificado estudando no "colégio aprendiz-artífice". Como Pelé, pai, mãe, avó e irmãos têm importância na sua vida de jovem jogador pré-profissional. Algo das práticas de medicina popular tradicional exercitadas por sua avó materna que curaram Didi de uma contusão no joelho ameaçando-o precocemente de abandonar a prática do futebol parecem ter-se incorporado no estilo e nas realizações "mágicas" desse jogador, inventor de chutes, passes, dribles e atitudes em campo (como a conhecida caminhada com a bola debaixo do braço desde o gol brasileiro até o meio de campo logo após a abertura do placar pela Suécia na decisão da copa de 58, transmitindo autoconfiança ao time). Como Domingos, Garrincha chegou a trabalhar como operário em fábrica têxtil e (como Pelé, que trabalhou ocasionalmente numa fábrica em Bauru) em uma oficina mecânica de Campos, até ser contratado junto com um irmão pelo Madureira do Rio em 1947. Na década de 50 passa sucessivamente por dois clubes de tradição aristocrática, o Fluminense e o Botafogo, os quais nesse período cedem tardiamente aos imperativos do recrutamento dos melhores jogadores negros e mestiços na concorrência entre clubes provocada pelo profissionalismo. Após a copa de 1958, quando é eleito melhor jogador da competição pelos

jornalistas internacionais, é contratado pelo Real Madrid, onde não consegue adaptar-se, para superar a sabotagem explícita e outras menos explícitas efetuadas contra ele pelo jogador Di Stefano. Ele repete assim a história de Fausto, Domingos e Leônidas, condenados ao sucesso no próprio país: voltando ao Brasil ele se torna bicampeão mundial em 1962. (Já como técnico de futebol, a carreira de Didi terá mais sucesso no exterior que no Brasil, em países periféricos como o México, Peru e Turquia, prefigurando um outro padrão de relação dos jogadores e técnicos brasileiros com o exterior a partir do final dos anos 70 e início dos anos 80.) Os dados biográficos de Didi estão em Péris Ribeiro, *Didi, o Gênio da Folha Seca* (Rio, Imago, cap. 3); os de Pelé, em Mário Filho, *Viagem em Torno de Pelé* (Rio, Editora do Autor, 1963); os de Domingos, em Mário Filho, *O Negro...* (op. cit.) e os de Garrincha, em Leite Lopes e Maresca (op. cit.).

- 48 A denominação *sports* do título do jornal trai um esnobismo do período do amadorismo. Entre a falência de *O Mundo Esportivo* em 1932 e a compra do *Jornal dos Sports*, Mário Filho torna-se um vencedor com sua ação pela implantação do profissionalismo.
- 49 O sofrimento, tema comum ao amor e ao ato de "torcer" por um time, acaba sendo uma outra ponte entre a música popular que canta a dor do amor e do futebol. (A peculiaridade brasileira da designação de *torcedor* - isto é, uma palavra com uma raiz tão diversa dos *fans* (de *fanatics*) ou *supporters*, tal como chamados na Inglaterra ou por extensão na França - e que vem de *se torcer*, de *sofrer* de uma maneira corporal, foi assinalada de forma desnaturalizadora por A. Rosenfeld (op. cit., p. 94, do livro), em artigo originalmente destinado a um público alemão.) Nas décadas de 30 e 40, vários sambas tomam o futebol como tema. Quando o Flamengo foi campeão mundial dos clubes em 1981, a gravadora Som Livre produziu um *long-play* organizado por Sergio Cabral, crítico de música popular torcedor do Vasco, reunindo uma seleção de oito desses sucessos antigos, todos sobre o Flamengo. Uma delas, de 1942, intitulada "As Coisas do Destino", começa assim: "Ai, ai, são as coisas do destino: eu sou Flamengo, meu patrão é vascaíno...". Pode-se também ter uma idéia do ecumenismo de Mário Filho ao comparar-se sua prática esportiva com a do compositor e radialista Ary Barroso. Este, contemporâneo da geração de Mário Filho, filho de proprietário rural, diplomado em Direito no Rio, acaba ganhando a vida tocando piano, e converte-se à música popular e ao rádio, onde se torna uma autoridade na seleção de novos compositores e cantores. Fazendo sucesso nos Estados Unidos com Carmem Miranda nos anos 40, Ary Barroso é também locutor de futebol no rádio, onde se caracteriza e se "folcloriza" como um locutor inteiramente parcial, pró-Flamengo. Sua ação político-esportiva não pode ser exercida entre os clubes, como o faz Mário Filho, mas uma vez eleito conselheiro municipal, ele briga do lado deste último pela construção do estádio Maracanã às vésperas da copa de 1950 no Brasil.
- 50 O mesmo se deu, inclusive sob uma forma muito mais direta, durante a ditadura militar e sua exploração política do belo futebol da seleção nacional e da conquista definitiva pelo Brasil da Copa Jules Rimet em 1970 no México, durante um dos piores períodos da repressão que o país sofreu.
- 51 Na sua prática da direção do *Jornal dos Sports*, ele proíbe títulos desmoralizando os clubes quando de suas derrotas. Ele proíbe também a exploração jornalística de casos ou conflitos amorosos de jogadores. Quando da promoção dos "eventos" patrocinados pelo seu jornal, ele fazia questão de não aceitar ajudas oficiais nem fazer propaganda ou publicidade para governos e empresas (cf. R. Castro, op. cit., p. 225).
- 52 Para isso, ele atrai os dirigentes de São Paulo batizando o torneio com o nome do presidente da federação de futebol desse estado, falecido recentemente, Roberto Gomes Pedrosa (cf. R. Castro, op. cit., 225). Antes, não havia campeonato de clubes entre duas ou várias cidades do Brasil; apenas entre os clubes de uma mesma cidade, por causa das distâncias e das dificuldades de comunicação no país. Havia um campeonato entre as seleções de cada estado da federação. Um outro torneio patrocinado por ele foi a Copa Rio reunindo os clubes campeões do Rio e de São Paulo e campeões estrangeiros, sul-americanos e europeus convidados. Esse torneio só durou dois anos por causa dos altos custos para sua realização.
- 53 Nessa ocasião, a amizade de Mário Filho e Roberto Marinho estremece; este último, que já estava contrariado com o aumento do controle acionário do primeiro no *Jornal dos Sports*, queria que *O Globo* participasse também da promoção dessa iniciativa. Mário Filho respondeu que podia executar sua idéia sozinho (cf. R. Castro, p. 224).
- 54 Assim, por intermédio de seu jornal, ele controla importantes formas de mobilização moral que se dirigem à juventude popular e à juventude oriunda da elite. Não é por acaso que o *Jornal dos Sports* publica regularmente notícias relativas a concursos e exames de admissão em ginásios e escolas técnicas ou ainda os resultados do vestibular junto com as notícias esportivas e em particular o futebol. Dados sobre a circulação e o público do *Jornal dos Sports*, assim como sobre as páginas esportivas de outros jornais brasileiros, podem ser encontrados em Janet Lever, *Soccer Madness* (Chicago, The Chicago University Press, 1983, cap. 4).
- 55 Declarou que "papai me dizia que o jornal não deve limitar-se a dar a notícia. Deve também produzir a notícia, e, se preciso, ser a notícia". Mas ele o fazia de forma ética: recusava explorar notícias de corrupção de jogadores ou juizes; assim como casos privados como a história de um jogador que na véspera da decisão do campeonato do Rio teve que fugir da concentração do clube e não jogar por estar ameaçado de morte pelo marido de sua amante. Cf. R. Castro, op. cit., p. 225.
- 56 Cf. a sugestiva introdução de N. Elias ao seu livro em co-autoria com E. Dunning, *Deporte y Ocio en el Proceso de Civilización* (México, Fondo de Cultura Económica, 1992 a 1ª edição *Quest for Excitement Sport and Leisure in the Civilizing Process*, 1986), onde é salientado o processo histórico ocorrido na Inglaterra a partir do século XVIII permitindo uma pacificação das elites e uma simultânea parlamentarização da vida política e uma "desportivização" do tempo livre dos dominantes.
- 57 E fazendo isso, ele sai de sua posição politicamente marginal de maneira inesperada. Sua ação acontecerá ao mesmo tempo em que ocorrerem processos macrosociais tais como a incorporação massiva de populações de origem camponesa e dos descendentes dos antigos escravos nas indústrias e grandes cidades, e a construção do Estado nacional. O futebol mostrou-se, desse ponto de vista, uma maneira de inscrever o Estado na cabeça e no corpo dos agentes sociais, em particular desse "povo" que está se formando nesse período.
- 58 Para mais detalhes, cf. Simone Guedes, "O Povo Brasileiro no Campo de Futebol" (Rio, Museu Nacional, 1988, datilo.), assim como J. S. Leite Lopes e S. Maresca (op. cit., pp. 123 e 124).
- 59 Conhecedor da vida de Pelé, tendo escrito em 1962 a excelente biografia *Viagem em Torno de Pelé* (Rio, Editora do Autor, 1963), Mário Filho pôde com ele terminar a segunda edição do seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de forma messiânica: "Os maiores clubes da Itália disputaram entre si a conquista de Pelé. Os lances, que começaram na base de 500 mil dólares, (...) (chegaram) à cifra, nunca dantes imaginada pela compra de um passe, de um milhão e quinhentos mil dólares. Nenhuma quantia abalou Pelé. A cada investida de um clube europeu tinha uma resposta: não deixaria o Santos e muito menos o Brasil. Talvez para mostrar o quanto um preto pode ser fiel. Ao seu clube. Ao Brasil. Sem poder conquistar Pelé, o único preto que queria, a Itália acabou abrindo as portas de um futebol racista para os pretos. Os sucedâneos de Pelé foram escurecendo os times italianos. Assim Pelé cumpria uma missão. A de exaltar a cor de Dondinho e Dona Celeste, de vovó Ambrosina, e de tio Jorge, de Zoca e Maria Lúcia. Para permitir que os pretos, brasileiros e de todo o mundo, pudessem livremente ser pretos. Enquanto isso não se realizar, Pelé cresce como uma grande figura solitária. A do Preto. A do Crioulo, como todos os pretos o chamam para se acostumarem a ser pretos" (pp. 401-2). O fato de Pelé só ter posteriormente saído do país após aposentar-se do futebol na seleção brasileira, e ter escolhido o contrato oferecido para ele nos Estados Unidos, onde chegou como "introdutor" e incentivador do futebol num país sem essa tradição, só fez aumentar sua fama internacional. (A tendência de ida ao exterior desde os anos 80, como se sabe, é diferente, a ponto da revista esportiva *Piacar* (nº 1092, março de 1994) dedicar um número especial aos "brasileiros no mundo".)